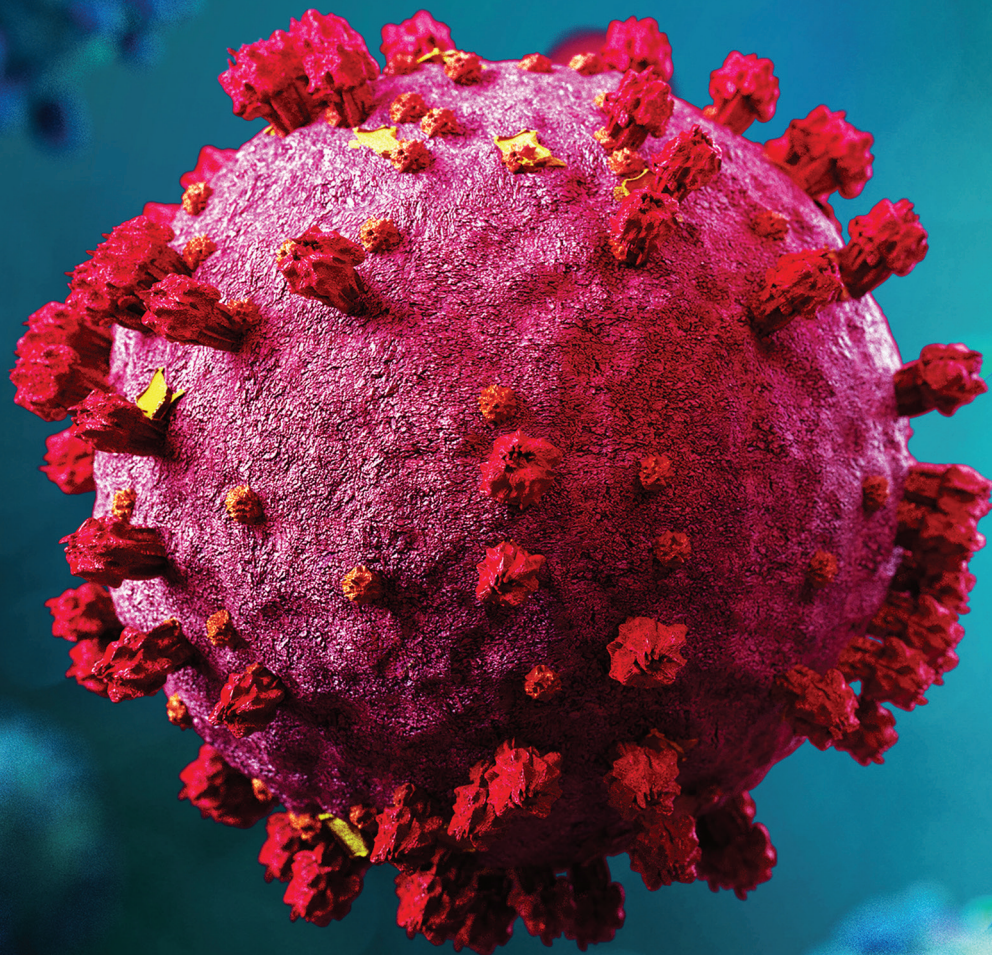


S SINAIS
DOS
TEMPOS

/ AGORA "BASTA" AMAR
/ EPIDEMIAS NA HISTÓRIA
/ JESUS, O SERVO SOFREDOR

T



INCONTORNÁVEL



PUBLICADORA SERVIR
2º TRIMESTRE 2020
N. 155 / ANO 38 / €2,00

01873901320047



PUBLICADORA SERVIR
2º TRIMESTRE 2020
N. 153 / ANO 38

REVISTA INTERNACIONAL
EDIÇÃO TRIMESTRAL
EM LÍNGUA PORTUGUESA

DIRETOR **Ezequiel Quintino**
DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**
COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**
E-MAIL sinais@pservir.pt

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**
DIAGRAMAÇÃO **Sara Sayal**
ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA
PUBLICADORA SerVir, S. A.
DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**
SEDE E ADMINISTRAÇÃO
Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo
21 962 62 00

EDIÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA
Editorial Safeliz
EDIÇÃO EM LÍNGUA FRANCESA
Éditions Vie et Santé
EDIÇÃO EM LÍNGUA ITALIANA
Edizione ADV

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Jorge Fernandes, Lda. – Artes Gráficas
TIRAGEM **15 000 exemplares**
DEPÓSITO LEGAL Nº **63193/93**
PREÇO NÚMERO AVULSO **2,00€**
ASSINATURA ANUAL **8,00€**
ISENTO DE INSCRIÇÃO NO ICS
DR 8/99 ISSN 0873-9013

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

≈ ÍNDICE ≈

03

EDITORIAL
Vírus e Pandemia

REFLEXÃO

04



Agora “basta” amar
*As lições de uma
pandemia.*

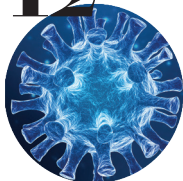
HISTÓRIA

09

Epidemias na História
*As piores epidemias que
atingiram a Humanidade.*

ATUALIDADE

12



Incontornável
*Uma leitura espiritual da
pandemia.*

RELIGIÃO

17

A fé está dentro de nós
Fidelidade ou hipocrisia?

PROFECIA

20

Jesus, o Servo sofredor
*Uma espantosa profecia
sobre o Messias.*

TEOLOGIA

28



**Será que Jesus “pregou
aos espíritos” dos
mortos?**
*A verdadeira
interpretação de um texto
difícil.*

33

**NOTÍCIAS QUE FAZEM
PENSAR**
**As cinco maiores
ameaças à Humanidade.**

34

NOTÍCIA POSITIVA
**O altruísmo em tempo
de pandemia.**

35



A BÍBLIA ENSINA
Deus é o nosso refúgio.

Vírus e Pandemia



Pr. Ezequiel Quintino

Diretor

É surpreendente! Até ainda há algumas semanas, uma grande percentagem da nossa sociedade escolhia, de preferência, a comunicação não-verbal. Mesmo que estivessem sentados lado a lado, encostados uns aos outros, optavam por usar o *smartphone* ou o *Iphone* para “dizer” qualquer coisa. Não pronunciavam palavras. Não falavam. Só clicavam... Antevia-se, pela ausência do uso, que as próximas gerações ficassem em risco de perder a capacidade da linguagem...

Entretanto, eis que surge um inesperado Coronavírus que força quase todos a isolarem-se, graças ao mote “Eu fico em casa”, para evitarem contágios indesejáveis. A partir desse momento, um sentimento de saudade começa a desenvolver-se. Saudade de quê? De falar e de estar perto. De dispensar atenção. De transmitir carinho e bondade. De abraçar. De dar e receber amor. Já dizia o povo, confirmam os livros e fala a experiência, que só se aprecia alguém, ou alguma coisa, verdadeiramente, quando o/a perdemos.

Sei que já se começa a sentir um certo cansaço e uma certa resistência em ouvir falar da Covid-19 ou do Coronavírus... mas é incontornável. De acordo com as notícias oficiais divulgadas (hoje, 13 de abril de 2020), este vírus já infetou cerca de dois milhões de pessoas e provocou 120 mil mortes no mundo. Contudo, graças a Deus, como há mais vida para além da pandemia, poderá também ler sobre outros temas nesta *Sinais dos Tempos*. Essas abordagens ajudarão a ampliar a panorâmica acerca dos tempos em que vivemos.

Quando passar esta pandemia (só Deus sabe quando), imagino que ainda iremos ter de “agradecer” o aparecimento do Coronavírus, que ajudou a limpar a nossa atmosfera e as nossas águas. Além disso, promoveu a reflexão sobre o sentido e o propósito da vida e a redescoberta da comunicação pessoal que, não sendo virtual, facilita a partilha de sentimentos e emoções.

“Agora, *basta amar!*” ▸

AGORA, "BASTA" AMAR



Paulo Sérgio Macedo
*Mestre em Comunicação
Estratégica*

“Na História, existiram tantas pestes como guerras; mesmo assim, as pestes e as guerras apanham sempre as pessoas igualmente de surpresa.” – Albert Camus, *A Peste*.

A frase que lemos acima é da autoria de Albert Camus, escritor franco-argelino do

século XX, Prémio Nobel em 1957. A obra da qual foi extraída, *A Peste*, é um romance que retrata um surto imaginário de peste bubónica na cidade argelina de Oran, nos anos de 1940. A cidade de Oran, ao longo do tempo, teve, de facto, episódios de surtos epidémicos, mas nenhum da enver-

gadura do surto relatado; o mais relevante no romance, no entanto, é a sua procura de compreensão para a condição humana e de sentido para as ações individuais em momentos limite – o que o autor descreveu com o conceito filosófico do “absurdo”.

O tema das epidemias – como o das guerras, das fomes, das intolerâncias e das perseguições – é recorrentemente explorado, na realidade e na ficção, para a produção de livros, de ensaios, de filmes e de documentários. Ele coloca os valores mais fundamentais do ser humano, como a vida e a saúde, em contraponto com os outros valores fundamentais referentes à sua dignidade, como os da segurança, da solidariedade, do sentido de comunidade. É nessa reflexão sobre a reação de cada um e sobre até que ponto cada um está disposto a ir para sobreviver e garantir o bem-estar, na confluência com o que está disposto a ceder e a fazer para reconhecer nos outros o mesmo direito, que se encontra muito do que nos constitui como seres humanos. No fundo, as situações de epidemia, como outras situações limite, remetem para a reflexão sobre a condição humana, que nos une e iguala.

EPIDEMIAS

A crise epidémica provocada recentemente pela COVID-19 não é, obviamente, a primeira da História. Nem será a última. Ao olharmos somente para os últimos séculos do percurso da Humanidade, lemos sobre doenças pestilentas que, em diferentes lugares e tempos, afetaram as comunidades e o curso da sociedade. Muitas vezes, enquadravam-se em fases de mudança social, associadas a conflitos e a alterações políticas; quase todas deram origem, elas próprias, a profundas crises e às consequentes mudanças. Algumas ficaram conhecidas pela sua alta mortalidade e pelo curioso percurso geográfico, como a Peste Negra, ligada ao

século de fome, de peste e de guerra que tanto contribuíram para a saída do feudalismo europeu e para a centralização do poder régio. Outras tiveram um impacto mais localizado, como a Grande Praga de Londres de 1666, que matou um quinto da população e, depois de um fogo tremendo que destruiu a Cidade Velha, conduziu a uma das maiores reconstruções urbanas da Modernidade. A mais próxima da nossa era, com enorme quantidade de vítimas e grande disseminação geográfica, terá sido a chamada Gripe Espanhola de 1919, ela própria um caso epidémico de um mundo em mudança acelerada, no final da I Guerra Mundial e na entrada para os Loucos Anos Vinte, um caso de reconstrução e de caminho para a crise seguinte. E outras se seguiram, como as gripes asiáticas de 1957, 1968 e 2009, o surgimento do HIV e a SARS de 2002.

PANDEMIA E CIVILIZAÇÃO

A epidemia atual tem, então, elementos de semelhança e elementos de especificidade, em relação às anteriores, interessando-nos, mais do que os seus aspetos sanitários e científicos – que não temos competência para discutir – os seus aspetos merecedores de reflexão sobre a nossa condição, como seres humanos e como sociedade.

Em primeiro lugar, esta epidemia tem componentes que a tornam, de facto, na primeira pandemia, uma epidemia global. É verdade que já outras epidemias abarcaram grande parte do mundo, sendo declaradas pandémicas no conceito estrito do termo. Mas esta tem duas características que a tornam global, que não existiam, por exemplo, na grande epidemia de 1919. Por um lado, a rapidez de alastramento do surto – desde o início de dezembro, na China, até praticamente se espalhar pelo mundo inteiro, quatro meses depois – não tem paralelo, fruto da

quantidade e da velocidade de deslocação das pessoas, antes do confinamento geral a que a situação obrigou. Por outro lado, os Meios de Informação e de Comunicação permitiram um conhecimento, uma consciencialização, uma partilha e uma colaboração jamais experimentados numa reação a uma epidemia, mas também um nível lamentável de desinformação, de engano, de insulto e de alarme social. O fluxo de informação e de desinformação é uma marca que distingue também a verdadeira globalização desta epidemia.

Em segundo lugar, esta é uma pandemia que, como diria Camus, apanhou gerações inteiras do mundo dito ocidental “de surpresa”. Não nos referimos, aqui, a aspetos sanitários, económicos, sociais e políticos, todos eles relevantes e alguns previsíveis. Referimo-nos mais a aspetos existenciais.

Até há poucos anos, parecia que vivíamos num clima semelhante. Desde a Segunda Guerra Mundial e, depois, desde a Queda do Muro de Berlim, a Europa, a América do Norte e a Oceânia viveram um longo período de paz e de prosperidade, sem guerras nos seus territórios, com aumento da longevidade e da qualidade de vida, com liberdade, com democracia, com respeito por direitos fundamentais e com pluralismo, com avanços científicos e tecnológicos que garantiam o sonho do fim da inevitabilidade da morte. Raymond Aron, teórico francês do século XX, até encontrou nestas condições a razão para uma Europa unida, chamando-lhe “paz de satisfação”, em contraponto às tradicionais pazes – de império, de hegemonia e de equilíbrio – que sempre existiram na História.

Infelizmente, o sucesso prático dessas sociedades parece ter tido um duplo efei-

Para quem tem a Bíblia como suporte, tanto de orientação, como de revelação divina, os ataques sanitários à sociedade são acontecimentos tristes, mas previstos e para os quais estamos avisados.

É curioso que, nos finais do século XIX e nos inícios do século XX, houvesse um enorme sentimento de crença no progresso: o Positivismo grassava na Filosofia, a Ciência era uma nova fé, o crescimento económico depois da Crise Financeira de 1896 tirava milhões da pobreza, e a exploração das riquezas coloniais enriqueciam as metrópoles. Mas, quase fatal e inexoravelmente, chegou a Primeira Guerra Mundial e os seus efeitos. O progresso e a civilização não eram, afinal, ilimitados, nem incondicionais.

to: um real e palpável e, talvez, outro que viremos a comprovar, ou não, no futuro. O primeiro, e apesar de todas as lutas contra a pobreza e contra a doença e de todos os apoios ao desenvolvimento dos países mais pobres, foi que o mundo ocidental desvalorizou a inevitabilidade do sofrimento. Ele existia, estava em alguns entre eles; mas as situações limite estavam lá, nos outros, em guerras, fomes e doenças de países longínquos, cujos efeitos colaterais só se sentiam em curtos minutos nos noticiários ou quando batiam à porta das



suas fronteiras. O segundo, que merece observação atenta, é como reagirão gerações sucessivas que não passaram as provações dos mais antigos – e que são aquelas que hoje sofrem com os efeitos desta pandemia. Como gerações do mundo ocidental, tinham lido sobre isso, mas nunca tinham visto e experimentado a ameaça da doença e da morte, do desemprego e da pobreza, de uma forma tão próxima e generalizada. As pessoas doentes, em especial com infecções, iam para os hospitais, não eram aconselhadas a tratar-se em casa; a morte dos próximos não era vista “ao lado”, mas sim em lares e em estabelecimentos de saúde; os velórios e os funerais eram cada vez mais breves, perdendo a significância profunda de um adeus definitivo ou de um até já, conforme a crença, mas passaram a ser ainda mais breves e despojados de companhia, o que minora o luto e o conforto como forma de superação do sofrimento; as filas na hora das compras deixaram de ser uma realidade longínqua de países pobres ou de

regimes decadentes ou totalitários, para passarem a ser uma realidade, mesmo que provisória, que causa desconforto e insegurança; o empobrecimento generalizado, mesmo que à escala de cada um, deixa de ser só uma imagem de países “outros”, ou de efeitos de uma crise financeira, para ser agora o preço coletivo a pagar para evitar o colapso do sistema de saúde, a morte de muitos à nossa volta, no fundo, o preço para sobreviver.

As gerações mais abastadas, informadas e livres que já habitaram à face da Terra foram surpreendidas por um vírus. E o modo como reagirão nas respostas a esse vírus e às consequências da sua ação dirá muito sobre a condição humana, em geral, e sobre a consciência de cada um, em particular. Egoísmo ou Solidariedade? Pânico ou Confiança? Controlo ou Liberdade? Violência ou Respeito? Roubo ou Trabalho? Marginalidade ou Responsabilidade? Absurdo ou Consciência? É na resposta a cada uma destas dicotomias

“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34 e 35).



que os pensamentos, as palavras e as ações serão escolhidos. Eles revelarão a condição humana, é certo, mas também a opção que, juntos, faremos como sociedade, de que a condição humana não afete irremediavelmente a dignidade humana.

A PANDEMIA E A BÍBLIA

Para muitos, uma peste, uma epidemia, uma pandemia, não são um fator de surpresa. Para quem tem a Bíblia como suporte, tanto de orientação, como de revelação divina, os ataques sanitários à sociedade são acontecimentos tristes, mas previstos e para os quais estamos avisados. No chamado Sermão Profético, no livro bíblico escrito por Mateus, Jesus disse: “Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares” (Mateus 24:7). A peste, como a guerra, os fenômenos naturais e algumas pessoas a procurarem tomar o lugar de “salvador”, são sinais da proximidade do cumprimento da promessa da Sua Segunda Vinda. Ele chama-lhe “o princípio de dores”, o que significa que outras dores maiores se lhe seguirão.

Talvez uma das profecias mais duras, e também menos citadas, desse tempo imediatamente anterior ao regresso de Jesus Cristo, esteja nas palavras do apóstolo Paulo: “Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos,

presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te” (II Timóteo 3:1-5). É, em especial, em momentos difíceis e probatórios como os que vivemos que a índole dos homens e das mulheres se revela. E esta crise, não prevendo ainda o seu desfecho, tem, sem dúvida, um potencial acelerador destas características na História.

Daí que o nosso desafio – não podendo conter nem controlar a resposta de um só ser humano, quanto mais de toda a sociedade... – é o de responder, pessoalmente, com solidariedade, confiança, liberdade, respeito, trabalho, responsabilidade e consciência aos tempos que se nos avizinham. Temos de tentá-lo, para garante da nossa dignidade e da dignidade dos outros seres humanos. “Basta” fazer o mais difícil, lembrar permanentemente as palavras de Jesus: *“Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (João 13:34 e 35).* ▢



EPIDEMIAS NA HISTÓRIA

Ezequiel Quintino
Teólogo

No contexto da pandemia da COVID-19, provocada pelo novo Coronavírus, será oportuno recordar algumas das maiores epidemias que já abalaram o mundo.

Praga de Atenas (430-426 a.C.)

– Descrita por Tucídides, durante a Guer-

ra do Peloponeso. Em 2006, cientistas da Universidade de Atenas analisaram dentes recuperados de uma sepultura coletiva debaixo da cidade e confirmaram a presença de bactérias *salmonella typhis*, causadoras da febre tifoide. Estima-se que

este surto tenha provocado, na cidade de Atenas, mais de dez mil mortos, entre eles Péricles, líder ateniense.

Peste Antonina (165-180 d.C.)

– Atingiu Roma, todo o Império e mais além. Seguiu-se um segundo surto, relatado por Cipriano (Bispo de Cartago), daí o nome **Praga de Cipriano** (251-266 d.C.). Estes dois surtos de epidemia, provavelmente varíola, contribuíram para devastar o Império Romano. Supõe-se que 25 a 33% de toda a população morreu, ou seja, 60 a 70 milhões de pessoas.

Praga de Justiniano (541-544 d.C.)

– Afetou todo o mundo mediterrânico, com maior incidência no Império Bizantino e em Constantinopla (500 mil a um milhão de mortos). Os barcos carregados de cereais do Egito também traziam a bordo uma comitiva de ratos, portadores de pulgas infetadas, que transmitiam a doença – Peste Bubónica. O impacto foi semelhante ao da Peste Negra que ocorreria oito séculos mais tarde. Cerca de metade da população da Europa morreu (25 a 100 milhões em dois séculos), o que facilitou a conquista

árabe das províncias bizantinas do Médio Oriente e de África.

Peste Negra – Considerada a maior epidemia da história da Humanidade. No fim da Idade Média, no século XIV (1346-1352 d.C.), supõe-se que tenha provocado entre 75 e 200 milhões de mortos, e que um terço da população do continente europeu tenha morrido. Também afetou severamente a Ásia e o Norte de África. A doença foi transmitida ao ser humano pela bactéria *Yersinia pestis* através das pulgas dos ratos e de outros roedores.

Gripe Espanhola ou Pneumónica

– Estima-se que 500 milhões de pessoas tenham sido infetadas pelo vírus *influenza*, o causador da doença. Morreram, pelo menos, 50 milhões de pessoas, entre janeiro de 1918 e dezembro de 1920. Em Portugal, terão falecido mais de 60 mil vítimas da doença da Primeira Guerra Mundial.

Tifo – A doença tem origem semelhante à da Peste Negra, sendo transmitida por pulgas de ratos infetados. Mais de três milhões de pessoas morreram entre 1918 e 1922. Não existe vacina disponível. Hoje, os casos são raros, sendo mais presentes no Sudeste Asiático.



Tuberculose – Durante um século (1850-1950), atingiu o auge em número de mortes – um bilhão de pessoas. Esta doença infecciosa, altamente contagiosa, causada pela *mycobacterium tuberculosis*, existe desde a Antiguidade e permanece ativa. A transmissão ocorre de pessoa para pessoa, através das vias respiratórias. Atualmente, mais de 95% das mortes por tuberculose ocorrem em países em vias de desenvolvimento – Índia, China, Indonésia, Paquistão e Filipinas. Em 2016, 1,3 milhões de infectados morreram no mundo.

Variola – De 1896 a 1980, matou 300 milhões de pessoas. A doença atormentou a Humanidade durante cerca de três mil anos. Edward Jenner, médico britânico, foi o criador da vacina preventiva do *Orthopoxvirus variolae*. A doença foi erradicada em 1977, depois de uma campanha massiva de vacinação.

SIDA – O vírus *HIV* foi identificado em 1981, para espanto da Humanidade. Desde então, calcula-se que 21 milhões de pessoas tenham morrido. É uma DST – Doença Sexualmente Transmissível – evitável e incurável, mas que possui tratamento para prolongar a vida do paciente.

Gripe Suína – Surgiu no México, em março de 2009. Um mês depois, a OMS declarou Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional. A pandemia causada pelo vírus *H1N1* teve um surto global. Estima-se que 1,4 bilhões de pessoas foram infetadas pelo vírus, mais de 20% da população mundial, e 500 mil faleceram. Descoberta e distribuída a vacina, foi anunciado o fim da pandemia, em agosto de 2010.

Ébola – O primeiro caso de contaminação pelo *Ebolavirus* aconteceu em 1976, na República Democrática do Congo. Seguiram-se outros três grandes surtos (1995, 2007 e 2014). O vírus tem uma taxa de mortalidade de até 90%. Ao todo, mais de 12 mil pessoas perderam a vida, a maioria na África Ocidental.

Calcula-se que, a nível mundial, nos últimos mil e quinhentos anos, tenham morrido vítimas de bactérias e de vírus uns três bilhões de pessoas. As pragas, as pestes e as epidemias do passado foram combatidas na medida do progresso da higiene e do saneamento nos aglomerados populacionais, principalmente nas cidades. Isto causou a diminuição drástica na população de ratos urbanos, de pulgas e de baratas. Estas regras de higiene mantêm-se ainda válidas para o século XXI. Acresce, hoje, a enorme vantagem do progresso da Ciência, do conhecimento médico e de todo um equipamento sofisticado de alta tecnologia à nossa disposição.

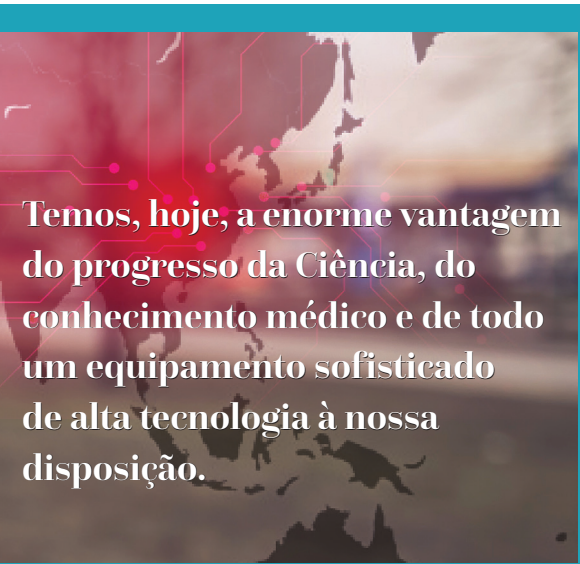
Haja higiene e bom senso! ▢

Notas

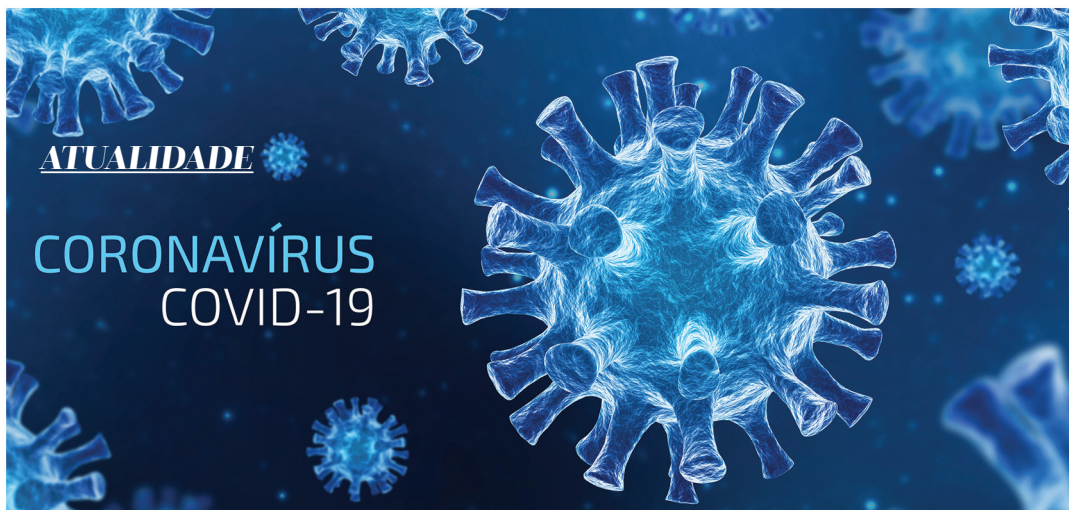
<https://www.publico.pt/2020/03/17/ciencia/entrevista/nao-estavamos-espera-algo-tao-repentino-devastador-1907828>

<https://tnsul.com/2020/destaque/as-grandes-epidemias-ao-longo-da-historia/>

<https://www.dn.pt/portugal/a-epidemia-que-veio-de-espanha-e-matou-mais-de-60-mil-portugueses-9195035.html>



Temos, hoje, a enorme vantagem do progresso da Ciência, do conhecimento médico e de todo um equipamento sofisticado de alta tecnologia à nossa disposição.

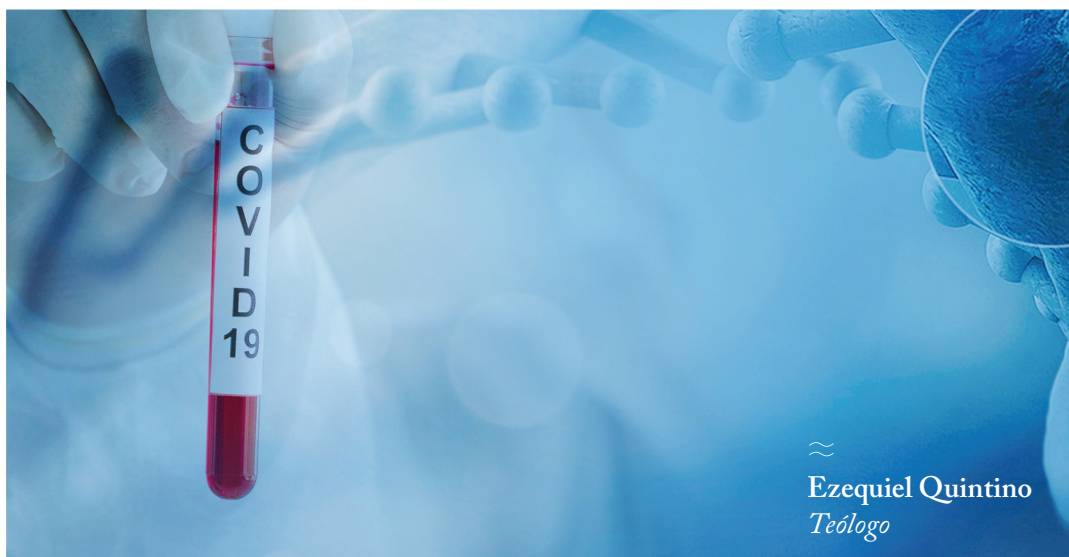


ATUALIDADE 

CORONAVÍRUS
COVID-19



INCONTORNÁVEL



≈
Ezequiel Quintino
Teólogo

Mesmo que eu quisesse passar sem escrever sobre o novo Coronavírus ou a COVID-19, o prezado Leitor não compreenderia, nem me desculparia. O tema é incontornável. Apesar de já nos saturar, não podemos deixar de falar acerca dele, porque ele continua a ameaçar a nossa vida. “Não estávamos à espera de algo tão repentino e devastador”, desabafou Francesco Galassi, cientista italiano.¹ Por isso, temos vivido num ambiente de grande tensão no meio desta surpreendente pandemia.

Confesso que, quando, em meados de dezembro de 2019, surgiram as primeiras notícias acerca do novo Coronavírus e dos contágios iniciais em Wuhan, na China, primeiro lamentei o facto; depois, imaginei que fosse um problema apenas na China e dos Chineses, ponto final. O tempo mostrou que o denominado novo Coronavírus não conhece fronteiras e tem um apetite voraz por seres humanos. Por essa razão, está em todos os Continentes e em quase todos os países e territórios do mundo, tendo provocado já mais de 120 mil vítimas mortais.

A realidade é que a Humanidade, ao longo da sua História, já sofreu com diversas epidemias causadas por vírus, bactérias ou outros micro-organismos. Populações foram dizimadas em épocas em que a Medicina ainda não tinha o suporte avançado da Ciência e da Tecnologia, como tem nos dias de hoje. Milhões incontáveis de seres humanos foram vítimas dessas pragas e pestes, ao longo dos tempos [ver o artigo *Epidemias na História*, nesta revista].

HOJE

Ao relembrar algumas das epidemias que assolaram a Humanidade, verifica-se que causaram um número arrepiante e incalculável de vítimas. Todavia, o recuo na História tranquiliza-nos em relação ao passado. Porém, viver a atualidade é bem diferente. O recurso a todos os Meios instantâneos

de Comunicação, redes sociais e noticiários, e a possibilidade de poder tudo atualizar e contabilizar, impressiona e causa ansiedade. Instala-se a insegurança existencial e o medo do amanhã.

Tudo começou com um pequeno surto na China distante, cerca de duas semanas antes do Natal de 2019. Evoluiu para epidemia, degenerou rapidamente em pandemia e (impensável, até fevereiro de 2020) parou a sociedade global. Isto é, não a paralisou, mas fez abrandar ao mínimo sustentável o ativismo desenfreado da sociedade humana ocidental, em particular. Deste abrandamento, duas consequências imediatas sobressaem. Uma, no plano económico e social, configura-se um desastre anunciador de endividamento generalizado, desemprego e recessão profundos, a nível mundial; resumindo numa palavra: colapso, de consequências ainda imprevisíveis. Outra, de cariz ambiental, onde já se percebem os efeitos benéficos no meio ambiente – o baixar drástico dos índices de poluição, principalmente atmosférica e das águas – que é positiva e bem-vinda.

O curioso é que chegámos (nós, Humanidade) a esta situação pela via mais difícil, e quem sabe, se não será tarde de mais. Há já várias décadas que os líderes políticos têm promovido Cimeiras europeias e internacionais para conseguir acordos entre Estados quanto às medidas a tomar para baixar os níveis de poluição, causadores do aquecimento global. Ao longo dos anos, os líderes das nações têm gasto fortunas em viagens e estadias nesses encontros, sem resultados satisfatórios. Sistemáticamente, têm adotado uma atitude de adiamento de decisões e de soluções concretas, juntamente com a negação e a desvalorização das evidências apresentadas pelos cientistas, alarmados com a literal destruição do Planeta que habitamos.

Ironicamente, foi necessário um “simples” Coronavírus, invisível a olho nu,

para obrigar os homens a abrandar o ritmo. Quando a pandemia for dominada ou terminar, a sociedade humana que sair da crise não será mais a mesma. Chegou o tempo de pensar o futuro com objetividade. Como e o que recuperar do que se perdeu, e como manter o que se ganhou com a pandemia. A Humanidade terá de mudar de paradigma. Esta reflexão profunda não irá limitar-se apenas aos domínios da Política, da Economia e das Finanças, da vida social e do Turismo. Decerto, a globalização será repensada, e os homens terão também de perceber como respeitar a Terra, em função da ecologia e do meio ambiente. Sem dúvida, tudo isto envolverá, de igual modo, questões de ordem moral, ética e espiritual.

UMA LEITURA ESPIRITUAL DA PANDEMIA

Principalmente, desde que entrámos no século XXI, muitos eventos registados em quase todas as áreas – política, social, económica, financeira, religiosa e nas catástrofes ditas naturais – chocam e perturbam-nos. Poderá alguém negar a realidade do aumento (numa frequência espantosa) de furacões, de inundações, de tempestades tropicais, de fogos florestais, de fomes, de epidemias, de endividamento pessoal e familiar, de dívidas nacionais, de falências, de corrupção, de degradação moral, de esgotamento de recursos hídricos e de energia, de guerras civis, de guerrilhas e de atentados, de crises internacionais, de deslocados e de migrantes?

Agora, estamos a viver sob a ameaça da COVID-19. Conhecemos relatos dramáticos dos que querem salvar vidas (e se sacrificam) e dos familiares que perdem os seus queridos. Aqui e ali, em alguns, vão-se instalando sentimentos abrangentes de impotência, de frustração, de medo e de desespero. Porém, ainda há muitos (talvez a maioria) que assumem uma atitude

de desvalorização da situação de perigo; confiam no saber da Ciência para a descoberta de uma vacina e de um medicamento curativo da COVID-19; portanto, acreditam que tudo vai passar e voltar à “normalidade anterior”.

Em todas as épocas da História, confiança e esperança foram sempre dois elementos de vida e de bem-estar fundamentais para o ser humano. A atualidade não é exceção. Hoje, como outrora, podemos recorrer à fonte da confiança e da esperança. A Bíblia tem muito a dizer sobre a Esperança. O Deus da Bíblia é o Deus da Esperança. Portanto, a Bíblia é o Livro da Esperança. O Homem do século XXI tem necessidade de esperança para desenvolver a confiança. Por isso, precisa de compreender o presente e antever o futuro real

Foi necessário um “simples” Coronavírus, invisível a olho nu, para obrigar os homens a abrandar o ritmo.

que o aguarda.

Ora, o Deus da Bíblia é também, e antes de tudo, o Deus da História. Enraizada na História, a Bíblia – como Palavra de Deus – antecipa uma visão da História onde se projetam não apenas a grande trajetória e o sentido profundo dos acontecimentos passados, mas onde se regista igualmente o destino das direções futuras até à última etapa. Deste modo, a Bíblia é também palavra profética, é profecia.

Jesus, no Seu sermão profético, referiu que *regressará à Terra DEPOIS* de este Planeta ter suportado um *aumento sem precedentes e exponencial de desastres naturais e de desastres provocados pelo Homem*. Cristo virá, na Sua qualidade de Criador e Soberano do Universo, para repor a harmonia e purificar

este Planeta poluído. Em resumo, Jesus disse que haveria guerras, terremotos, fomes e epidemias *“em muitos lugares. Todos estes acontecimentos serão como as primeiras dores de parto”* (Mateus 24:8). Qualquer mãe pode testemunhar de que, quanto mais frequentes forem e mais se intensificarem as dores de parto, mais perto estará o momento de dar à luz. Numa figura de linguagem, Jesus dá este exemplo simples para fazermos uma leitura real dos acontecimentos e para compreendermos que o tempo em que estamos a viver se aproxima, cada vez mais, do dia do Seu regresso.

Em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, guerras, tremores de terra, fomes e epidemias são apresentados como *“as primeiras dores de parto”*. Isto significa que, em si mesmos, esses eventos não são *sinais* específicos *do fim* deste mundo, como o conhecemos. Por outro lado, são, de facto, *evidências* de que o mundo não está melhor, mas vai piorando. Jesus disse para notarmos o crescimento da frequência e da intensidade destes desastres naturais. Também comparou os últimos dias do Planeta com os últimos dias antes de Noé entrar na arca: *“Como aconteceu no tempo de Noé, assim vai acontecer com a vinda do Filho do Homem. De facto, naqueles dias antes do dilúvio, as pessoas comiam e bebiam e casavam-se, até ao dia em que Noé entrou na arca. Não se aperceberam de nada, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Com a vinda do Filho do Homem acontecerá a mesma coisa”* (Mateus 24:37-39).

Esta descrição de Jesus mostra que, no geral, a sociedade humana de hoje continuará obstinadamente a sua marcha, independente e abstraída de Deus, tal como a Humanidade do passado. Os homens julgam ter capacidade e poder para encontrar soluções para todos os problemas que eles próprios causaram. Porém, repetem os erros e não mudam os comportamentos.

Quando a pandemia for dominada ou terminar, a sociedade humana que sair da crise não será mais a mesma. A Humanidade terá de mudar de paradigma.

As estatísticas falam por si. Quando consultadas, verifica-se uma curva exponencialmente ascendente, na frequência e na intensidade dos flagelos.

Por exemplo, nos últimos quase 20 anos (2000-2019), a nível mundial, registaram-se 7344 desastres naturais (numa média de 367,2 por ano, mais do que um por dia). Anualmente, em média, morrem 60 mil pessoas vítimas destes desastres. Só em 2019, aconteceram 409 desastres naturais no mundo.² Estes desastres naturais incluem: ciclones, incêndios florestais, terremotos, vulcões, ondas de calor, inundações e secas. Note-se que nestas estatísticas não entram as pestes ou epidemias, nem a fome. Um só exemplo: em junho de 2009, pela primeira vez na História, o número de seres humanos vítimas de fome crónica ultrapassou um bilião.

Chocante...!

QUE SOLUÇÃO?

Recordando as palavras de Jesus já citadas, as catástrofes em sucessão são como semáforos amarelos a piscar cada vez com maior intensidade, alertando do perigo. São evidências de que a história humana vai na direção prevista e descrita na Bíblia. Esta crise sanitária (que poderá ser seguida de outras), provavelmente, lançará o mundo numa crise económica global sem precedentes. Na tentativa de recuperação, isto poderá conduzir-nos aos *sinais dos tempos* sugeridos profeticamente na

Palavra de Deus. Para sair do caos económico e social onde poderá cair, a sociedade humana poderá vir a desencadear fatores políticos, económicos, sociais e religiosos passíveis de precipitar os acontecimentos para a intervenção sobrenatural do Salvador. Haverá um limite que Deus não permitirá que a Humanidade ultrapasse, sem que Ele entre, pessoalmente, na história humana. Aliás, o próprio Cristo infor-

Homem que vem sobre as nuvens com poder e grande glória. Ele mandará então os seus anjos, ao som de uma grande trombeta, para reunirem os escolhidos dos quatro cantos do mundo desde um extremo ao outro dos céus. (...) Estejam alerta! Porque não sabem em que dia o vosso Senhor há de vir. (...) Portanto, procurem também estar preparados, porque o Filho do Homem virá quando menos o esperam” (Mateus 24:13 e 14, 30 e 31, 42, 44).



Haverá um limite que Deus não permitirá que a Humanidade ultrapasse, sem que Ele entre, pessoalmente, na história humana.

mou de que *“será um tempo de grande aflição, como nunca existiu desde o princípio do mundo nem voltará a existir. E se Deus não abreviasse esses dias, então é que ninguém se salvará. Mas por causa dos seus escolhidos, Deus quis abreviá-los”* (Mateus 24:21 e 22).

Jesus também estimulou os crentes e todos os que quiserem aceitar o Seu Plano de Salvação: *“Mas aquele que se mantiver firme até ao fim será salvo. Esta boa-nova do reino de Deus será pregada em todo o mundo como testemunho para os povos. E então chegará o fim. (...) Então é que há de aparecer no céu o sinal do Filho do Homem. E todos os povos da terra hão de romper em choro e verão o Filho do*

Afinal, há solução para todas as pandemias ou crises de qualquer ordem.

Aqui estão a Esperança e a Confiança expressas na infalível Palavra de Deus!

Conselho final de Jesus: *“Quando estas coisas começarem a acontecer, anímem-se e levantem a cabeça porque já estará próxima a vossa salvação”* (Lucas 21:28). ▢

NOTAS

Os textos bíblicos são da versão *Bíblia para Todos (BpT)*.

1 <https://www.publico.pt/2020/03/17/ciencia/entrevista/nao-estavamos-espera-algo-tao-repentino-devastador-1907828>

2 <https://www.statista.com/statistics/510959/number-of-natural-disasters-events-globally/>

A FÉ ESTÁ DENTRO DE NÓS¹

Florin Lăiu

Teólogo e professor



Mito: A religião é o que está dentro de nós.

As crenças comumente sustentadas na era comunista entravam, muitas vezes, em conflito com as minhas próprias crenças e causavam-me alguns problemas na escola. No dia de Sábado, eu não ia à escola. Em vez disso, ia à igreja, optando por obedecer

ao Mandamento de Deus. Eu acreditava em Deus e cria que Ele tinha criado o mundo. Mas o Comunismo defendia a Evolução e a teoria do *Big Bang*. Para sobreviver nesse sistema, os crentes fingiam que não acreditavam. Foi-me dito, mais do que uma vez: “Florin, eu também sou uma pessoa religiosa, mas guardo a minha

fé cá dentro. O que tens dentro de ti é algo que ninguém te pode tirar. Mas, em público, tens de te conter...”

Sendo assim, eu podia ser a Madre Teresa por dentro, mas, em público, tinha de me comportar como os outros – conformar-me com um padrão mundano. Será que isso era verdadeira sabedoria? Ou será que era apenas outro mito?

UMA FÉ PRIVADA?

Uma fé que se destaca por uma grande atividade exterior, mas que esconde uma alma vazia e atormentada por motivos contrários ao verdadeiro espírito da religião, é uma religião de hipocrisia e de formalismo. Há, de facto, algumas religiões que incentivam implicitamente o formalismo, sugerindo que a execução de gestos e a obediência às regras trarão salvação ao crente. Estamos longe de julgar a pessoa que estende um tapete e ora no meio da rua, porque chegou a hora de orar; ou que, educadamente, recusa um pedaço de chocolate, porque é a Quaresma; ou que se recusa a trabalhar num determinado dia, porque esse dia é sagrado para ela. Não devemos julgar os motivos internos das ações externas. Mas alguns defendem que, para evitar a hipocrisia das manifestações externas e o vazio interior, temos de manter a nossa fé enterrada no nosso interior. Mas fazer isso é envolver-se numa outra forma de hipocrisia.

A verdadeira fé é uma fé genuína da “alma”, que vem de dentro e salta para fora. O mito diz-nos que a fé atua apenas no interior. Deve ser guardada lá, sem nunca ser exposta, sem nunca ser uma pedra de tropeço para as outras pessoas que, talvez, não a conheçam ou que não concordem com ela. No entanto, talvez a verdadeira razão desse argumento seja o facto de nós termos vergonha da nossa própria fé. A fé, por definição,

A verdadeira fé é uma fé genuína da “alma”, que vem de dentro e salta para fora.

é uma manifestação exterior de uma convicção interior. A Bíblia diz (Tiago 2:18): “*Eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.*” Por outras palavras, provamos que temos fé através das nossas ações e da maneira como a expressamos. *A pessoa que tem uma fé genuína no interior não será capaz de contê-la. Terá de a manifestar.* Portanto, a pessoa que não tem qualquer expressão exterior, nenhuma ação a transbordar, não tem uma fé genuína. A fé é uma luz na alma humana e é suposto que a luz seja vista – é suposto que brilhe. Tal como, numa certa ocasião, Jesus disse: “*Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus*” (Mateus 5:16).

A VERDADEIRA FÉ

Na Bíblia, Deus apresentou os Dez Mandamentos ao Seu povo como uma aliança de fé, amor e obediência. As Suas palavras não eram apenas palavras – eram a própria vida, e tinham o poder de dar vida espiritual a todos os que lhes obedecessem. Através destes Mandamentos, Deus demonstrou o Seu amor ao Seu povo, porque Ele sabia que, se eles os seguissem, gozariam de verdadeira felicidade e de verdadeira liberdade. A aliança era como um voto matrimonial – uma promessa, por parte do povo, de lealdade eterna a Deus, e uma promessa, da parte de Deus, de amor eterno para com o Seu povo. Mas o povo quebrou o voto.

Um dos Mandamentos de Deus proíbe a adoração de outros deuses, uma prá-

tica que Deus considera ser infidelidade ou adultério espiritual. O povo, contudo, preferiu seguir outros deuses, e, por causa disso, perdeu a proteção divina e foi levado cativo pelos Babilônios conquistadores. Os Babilônios tinham um deus para cada necessidade – real ou imaginária. Rodeado por estas influências, o povo judeu começou a assimilar. Por dentro, diziam guardar a verdadeira fé, mas, por fora, eram como

se alguém dentre esta gente infiel e pecadora tiver vergonha de mim e do que eu ensino, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos” (Marcos 8:38). Os primeiros Cristãos sacrificaram a sua vida, ao afirmarem publicamente a sua fé. A Idade Média está repleta de mártires que morreram para honrar a sua fé. Ainda hoje, muitos preferem sofrer, em vez de esconder a sua fé dentro dos limites

“Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:16).

Os primeiros Cristãos sacrificaram a sua vida, ao afirmarem publicamente a sua fé. Ainda hoje, muitos preferem sofrer, em vez de esconder a sua fé dentro dos limites do seu coração.



os outros. Comiam como os seus raptos, adoravam como eles e viviam da mesma forma que eles. Com o passar do tempo, a sua fé privada deu lugar à sua prática pública – tinham a fé escondida sob o alqueire, morta. Quatro jovens escolheram um caminho diferente. Expressaram a sua fé nas suas ações. Comeram para agradar a Deus, adoraram para agradar a Deus e viveram para agradar a Deus. Ficaram tão firmes na sua fé que arriscaram a própria vida para a defender – e Deus honrou-os pela sua coragem e lealdade (Daniel 1, 3).

A verdadeira fé sobreviverá, se for expressa em cada palavra e em cada ato. A verdadeira fé não se envergonha, mas, acerca daqueles que se envergonharem dela, Jesus diz: “Portanto,

do seu coração. Contudo, aquele que se envergonha e que esconde a verdade, através da ocultação e do silêncio, permite que graves pecados, e até mesmo infidelidade espiritual, entrem no seu coração, manchando-o e destruindo a sua fé. Para esse tipo de pessoas, a Bíblia declara que não haverá acesso à salvação eterna (Apocalipse 21:8). Mas, acerca daqueles que optam por deixar brilhar a sua luz diante dos homens, Jesus diz: “qualquer que me confessar diante dos homens, eu o confessarei diante do meu Pai que está nos céus” (Mateus 10:32). ▢

NOTAS

1 Retirado de *Signs of the Times* (versão romena). Tradução de Marlene Vieira.

JESUS, O SERVO SOFREDOR

≈

Paulo Lima
Editor da *Sinais dos Tempos*

INTRODUÇÃO

A Bíblia Hebraica, também conhecida como Antigo Testamento, contém várias profecias, comunicadas por Deus aos Seus profetas, que antecipam, com precisão, diversos eventos ligados à história do povo de Deus. Entre todas estas fascinantes profecias, encontram-se algumas que constituem um grupo especial de predições. Trata-se das “profecias messiânicas”. Este tipo de profecias diz respeito ao “Messias” (*Mashiah*, em hebreu). O *Mashiah* é o “Ungido”. Nos tempos do Antigo Testamento, os reis, os sacerdotes e os profetas eram ungidos com azeite ao serem empossados nas suas funções. Assim, o Messias seria o Ungido do Senhor, que – como Rei, Sacerdote e Profeta – viria salvar o povo de Deus e instaurar o Reino de Deus sobre a Terra. Dada a importância desta figura na história da salvação, não admira que as profecias messiânicas descrevam detalhadamente o ministério, a vida e a morte do Messias, e apontem os aspetos centrais da Sua missão. No decurso da história de Israel, vários homens de Deus profetizaram acerca do Messias. Entre essas profecias messiânicas, contam-se quatro poemas conservados no livro do profeta Isaías, que são designados pelos académicos como os “Poemas do Servo de *Yahweh*”. Estes poemas descrevem a vocação, o ministério e a morte de um enigmático personagem designado, por Isaías, como “o servo de *Yahweh*”.

Já tivemos ocasião de interpretar os três primeiros “Poemas do Servo de *Yahweh*” (Isaías 42:1-7; 49:1-7; 50:4-9) nas páginas da *Sinais dos Tempos*. No presente número da revista, iremos procurar compreender o “Quarto Poema do Servo de *Yahweh*”, que se encontra em Isaías 52:13-53:12. Este é o último e o mais extenso dos “Poemas do Servo de *Yahweh*”. Vejamos o que diz o texto desta espantosa profecia messiânica: *“Eis que o meu servo há de prosperar, ele se erguerá, ele se elevará, ele será muito exaltado. Quando muitos ficaram horrorizados por sua causa – tão desfigurado estava o seu aspeto, a ponto de não ser mais o de um homem, e tão desfigurada estava a sua aparência, a ponto de não ser mais a de um filho de um ser humano – assim ele deixará estupefactas numerosas nações, reis fecharão a boca, pois viram aquilo que não lhes fora relatado e discerniram aquilo que não lhes fora dado ouvir. Quem creu no que ouvimos e a quem se revelou o braço de *Yahweh*? Ele cresceu como um renovo diante dele, como raiz em terra árida; não tinha beleza nem esplendor que atraísse o nosso olhar, nem aparência capaz de nos deleitar. Era desprezado, rejeitado pelos homens, homem de dores, familiarizado com a enfermidade, como alguém de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fizemos caso nenhum dele. Verdadeiramente, ele levou os nossos males e suportou as nossas dores. E nós o considerámos vítima de castigo, ferido por Deus e humilhado. Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por*



O Messias seria o Ungido do Senhor, que – como Rei, Sacerdote e Profeta – viria salvar o povo de Deus e instaurar o Reino de Deus sobre a Terra.

causa das nossas faltas. O castigo que nos traz a paz estava sobre ele e pelas suas feridas fomos curados. Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, cada homem seguindo o seu próprio caminho, mas Yahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. Ele foi maltratado, mas humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro; como uma ovelha muda perante aqueles que a tosquiavam, ele não abriu a sua boca. Após detenção e julgamento, foi preso. De entre os seus contemporâneos, quem se preocupou com isso? Sim, ele foi suprimido da terra dos vivos, ele foi ferido por causa da transgressão do

seu povo. Deram-lhe túmulo com os ímpios, e esteve com um rico na sua morte, se bem que não tenha praticado a violência e não tenha havido engano na sua boca. Mas Yahweh desejou feri-lo, submetê-lo ao sofrimento. Se ele oferece a sua alma por sacrifício pelo pecado, verá uma descendência, prolongará os seus dias e o desejo de Yahweh triunfará pela sua mão. Após o trabalho fatigante da sua alma, ele verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu servo, justificará muitos e levará sobre si as transgressões deles. Por isso, lhe dou muitos como quinhão; ele receberá a multidão como seu despojo, porque entregou a

sua alma à morte e foi contado com os transgressores, mas levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu.”

Este belo e enigmático poema foi composto na fase final do longo ministério do profeta Isaías. Esse ministério decorreu entre 739 a.C. e 690 a.C.. Em seguida, vamos interpretar o texto profético de Isaías 52:13-53:12, e, depois, mostrar como teve o seu cumprimento histórico em Jesus de Nazaré.

INTERPRETAÇÃO DE ISAÍAS 52:13-53:12

O “Quarto Poema do Servo de *Yahweh*” apresenta uma estrutura literária tripartida. Na primeira parte (Isa. 52:13-15), ouve-se a voz de Deus, que anuncia a exaltação do Seu servo. Na segunda parte, mais longa (Isa. 53:1-11a), é feito um relato sobre o sofrimento do servo de *Yahweh* e sobre o significado soteriológico desse sofrimento. Na terceira parte (Isa. 53:11b e 12), Deus volta a falar da exaltação do Seu servo, explicando que esta é o resultado do cumprimento da sua missão soteriológica. Começemos por fazer a interpretação da primeira parte.

Deus faz a apresentação do Seu servo e declara que a missão salvadora deste será concluída com sucesso, pois ele “*há de prosperar*”. Quando essa missão terminar, o servo será grandemente honrado e glorificado por Deus. Mas esta declaração divina mostra que o servo teve que passar primeiro por uma fase de terrível humilhação. Na verdade, ele passou não só pela humilhação, mas também por um intenso sofrimento. Esse sofrimento foi de tal ordem que o parecer do servo foi desfigurado, “*a ponto de não ser mais o de um homem*”. Esta provação que o servo viveu foi tão horrível que “*muitos ficaram horrorizados por sua causa*”. No entanto, Deus diz claramente que haverá um volte-face no destino do servo, pois numerosos povos ficarão estupefactos por causa dele, e mesmo os reis dessas nações gentias ficarão reduzidos ao silêncio perante ele, numa ati-

tude de profundo respeito e de dedicada reverência (cf. Job 21:5; 29:9). Isto acontecerá porque estas nações e estes reis “*viram aquilo que não lhes fora relatado e discerniram aquilo que não lhes fora dado ouvir*”. Esses acontecimentos, sem paralelo na história da Humanidade, e absolutamente espantosos entre as nações, de que os povos e os reis gentios tomaram conhecimento, foram a paixão vicária, a ressurreição e a glorificação do servo de *Yahweh*, que tinha sido primeiro humilhado, desprezado e sujeito a um sofrimento atroz. Assim, o caminho para a exaltação do servo de *Yahweh* é uma senda de profunda humilhação e de doloroso sofrimento. Isso é o que iremos ver com mais detalhe na segunda secção do “Quarto Poema do Servo de *Yahweh*”.

Nesta segunda secção, o sujeito que agora fala já não é *Yahweh*, mas sim o profeta, em nome de um grupo anónimo. Não é claro se esse grupo é composto pelos Israelitas ou pelos naturais das nações gentias. Seja como for, este grupo de seres humanos ouviu uma notícia inacreditável, que os deixou espantados. Uma notícia sobre a manifestação do poder de Deus para salvar. Trata-se de uma revelação profética recebida pelo grupo a que o profeta dá voz. Essa revelação incrível diz respeito ao servo que foi apresentado por Deus.

A voz que fala em nome do grupo de testemunhas começa o seu relato sobre o servo de *Yahweh*, fazendo referência ao seu percurso de vida. Ele cresceu perante o olhar de Deus – isto é, sob a Sua protecção e sob a Sua orientação – sem nada que o recomendasse aos olhos dos seres humanos. Nada nele atraía o olhar dos homens que testemunhavam o seu percurso de vida. O servo parecia-lhes insignificante. Na verdade, ele foi desprezado e rejeitado pelos homens por ser um homem sujeito ao sofrimento intenso. O seu aspeto era de tal forma terrível, devido ao seu sofrimento, que todos ocultavam o rosto para não o ver. Assim, os seus contemporâneos não fizeram dele nenhum



caso. Não lhe atribuíram qualquer importância. O sofrimento do servo isolou-o da sua comunidade.

tinha cometido. Mas, agora, eles reconhecem e confessam que, na verdade, o servo é inocente e sofreu vicariamente. Ele sofreu

Ele cresceu perante o olhar de Deus – sem nada que o recomendasse aos olhos dos seres humanos. Nada nele atraía o olhar dos homens que testemunhavam o seu percurso de vida. O servo parecia-lhes insignificante.

A voz do profeta explica agora a verdadeira causa dos sofrimentos do servo de *Yahweh*. Antes de avaliarmos o que é dito a propósito desses sofrimentos, é necessário ter presente que era amplamente sustentado, nos tempos do Antigo Testamento, pelas autoridades espirituais de Israel, que o sofrimento físico era um justo castigo de Deus motivado pelos pecados cometidos pelo sujeito que sofria. Ora, o servo sofre terrivelmente. Assim, os seus contemporâneos concluíram que o servo estava a ser castigado e humilhado por Deus pelos pecados que *ele*

precisamente pelos pecados *dos outros* seres humanos. Agora, eles reconhecem e confessam que ele “*foi trespassado por causa das nossas transgressões, foi esmagado por causa das nossas faltas*”. Ele foi castigado e ferido pelo Senhor para que os restantes seres humanos tivessem “*paz*” (*shalom*) com Deus, isto é, fossem reconciliados com Deus. Porque todos os homens seguiam os seus “*próprios caminhos*” que levavam à “*iniquidade*”, foi necessário que o Senhor fizesse cair “*a iniquidade de todos*” sobre o Seu servo, para que todos pudessem ser


plenamente reconciliados com o Criador. Portanto, os sofrimentos do servo são sofrimentos vicários, suportados pela culpa de outros. Ele leva sobre si os pecados dos homens e o castigo divino que corresponde a esses pecados. Este sofrimento vicário e salvífico levou à mudança de opinião de todos os homens representados pela voz do profeta. Eles já não veem o servo de *Yahweh* como justamente castigado pelos respetivos pecados, mas



sim como aquele que lhes trouxe a salvação pela expiação vicária dos pecados que eles cometeram. Tendo em conta os verbos hebraicos que são usados no original para descrever o sofrimento vicário e expiatório do servo de *Yahweh* (que traduzimos por “*trespassado*” e por “*esmagado*”), podemos deduzir que esse sofrimento foi o resultado dos atos violentos que lhe foram infligidos pelas mãos de outros.

Esta dedução é confirmada pela descrição seguinte da paixão sofrida pelo servo de *Yahweh*. O profeta reconhece

foi uma morte expiatória e vicária. Embora tenha sido executado na sequência de um processo judicial que o condenou por um crime que desconhecemos, o servo de *Yahweh* morreu, na verdade, pelos crimes do seu povo. Depois de morto, o tratamento injusto que o servo sofreu prosseguiu, e prosseguiu também a sua humilhação. Foi-lhe dado um “*tímulo com os ímpios*” e com “*um rico*”, embora ele não só fosse inocente do crime pelo qual foi condenado, como também fosse um homem piedoso e justo, que se absti-




Ao assumir livremente os pecados dos seres humanos como vítima expiatória, o servo justo fará com que os homens também sejam considerados justos aos olhos de Deus.

que ele foi maltratado e “*conduzido ao matadouro*” como “*um cordeiro*”, mas aceitou docilmente esse tratamento injusto sem abrir a sua boca para protestar a sua inocência. Este estranho comportamento do servo será explicado adiante no Poema. Entretanto, o servo foi detido e julgado num tribunal humano e, em consequência desse julgamento, foi morto. Ninguém “*se preocupou*” com este tratamento injusto infligido ao servo, embora ele tenha sofrido tal violência “*por causa da transgressão do seu povo*”. Portanto, a sua morte violenta às mãos das autoridades

nha da violência e da mentira. É a última infâmia sofrida pelo servo de *Yahweh* às mãos dos seus perseguidores.

Mas, agora, o relato que o profeta tem vindo a fazer sobre a vida, a paixão e a morte do servo torna-se num relato de salvação. De facto, foi por vontade de *Yahweh* que o servo sofreu e morreu. Portanto, apesar das aparências, Deus esteve sempre ao lado do Seu servo. Mas, por que razão quis Deus que o servo sofresse e morresse? O profeta dá-nos agora a explicação final. O servo ofereceu “*a sua alma por sacrifício pelo pecado*” (*asham*) em favor de todos os homens (cf. Lev. 5:15,



18). Ele foi uma vítima expiatória pelo pecado de toda a Humanidade. Entretanto, em razão da sua perfeita obediência aos desígnios de Deus, o servo terá uma recompensa vinda do Senhor. Ele “*verá uma descendência*”. Esta “descendência” deve ser vista como sendo constituída pelos discípulos que seguirão o servo, sendo, assim, os seus descendentes espirituais. Ele “*prolongará os seus dias*”. Isto é extraordinário, porque foi-nos dito antes que o servo tinha sido morto e sepultado. Ele fará com que “*o desejo de Yahweh*” triunfe. Isto significa que o servo terá sucesso na sua missão expiatória destinada a redimir a Humanidade dos seus pecados. Finalmente, o servo “*verá a luz e se fartará*”. A luz é o símbolo da vida e da felicidade. Isto significa que ele terá uma longa vida feliz. Todos os aspetos envolvidos na recompensa que o servo obterá de Deus apontam para um facto extraordinário: o servo voltará à vida, após ter sido morto e sepultado! Portanto, ele será *ressuscitado* como consequência da intervenção de Deus em seu favor. Percebemos, então, a razão por que o servo se submeteu ao sofrimento, à violência e à morte, sem protestar ou redarguir. Ele sabia que estava a cumprir a vontade de Deus e o desígnio de Deus para a sua vida. O servo de *Yahweh* tinha plena consciência de que era a vítima, designada por Deus, para expiar os pecados de toda a Humanidade. Sabia também que Deus o recompensaria abundantemente por ter livremente aceitado ser um sacrifício pelo pecado. Assim termina a segunda secção do Poema, em que o profeta deu voz às testemunhas da paixão do servo de *Yahweh*.

Na terceira secção, que encerra o Poema, ouve-se de novo a voz de Deus. *Yahweh* declara que, “*pelo seu conhecimento*” da justiça e da vontade de Deus, o servo – que o Senhor declara ser “*o justo*” por excelência – “*justificará muitos e levará sobre si as transgressões deles*”. Os “*muitos*” (*rabim*) são todos os homens e todas as mulheres que aceitarem a expiação provida pelo servo. Portan-

to, ao assumir livremente os pecados dos seres humanos como vítima expiatória, o servo justo fará com que eles também sejam considerados justos aos olhos de Deus. Eles serão justificados, porque Deus perdoar-lhes-á os seus pecados expiados pelo servo. Note-se que, ao reconhecer a justiça do Seu servo, que é tal que pode justificar a Humanidade, Deus reabilita-o, restaurando a sua honra e revertendo a sentença do tribunal humano que o tinha condenado. Depois, *Yahweh* anuncia a recompensa que concederá ao Seu servo: ele terá “*muitos como quinhão*” e “*receberá a multidão como seu despojo*”. Aquele que tinha sido privado de todos os bens da vida recebe agora, da parte de Deus, uma ampla recompensa. Tinha sido dito anteriormente que ele teria uma ampla “*descendência*” espiritual. Vemos agora que tal “*descendência*” espiritual virá a abarcar boa parte da Humanidade. Esta recompensa é merecida, porque o servo entregou voluntariamente a sua vida, foi contado entre os transgressores (apesar de ser considerado “*o justo*” por Deus), e, devido à sua justiça, como sacrifício expiatório em favor da Humanidade, pode interceder pelos transgressores. Estes podem, assim, graças ao sacrifício do servo de *Yahweh*, escapar à punição divina e receber a justiça imputada que lhes permitirá serem considerados justos por Deus.

Deste modo, o “Quarto Poema do Servo de *Yahweh*” é a apresentação de uma figura do futuro (no tempo de Isaías), que iria transcender tudo o que se tinha visto em Israel. É a figura d’Aquele que viria redimir a Humanidade da culpa do pecado. É a figura do Mediador do Plano da Salvação concebido por Deus.

JESUS, O SERVO DE YAHWEH

A profecia do “Quarto Poema do Servo de *Yahweh*” encontrou o seu cumprimento



histórico na paixão e no destino de Jesus de Nazaré. De facto, quando estudamos a história da Humanidade, percebemos claramente que Jesus é a única Personalidade histórica que cumpriu com exatidão esta profecia de Isaías.

Jesus provinha de uma origem humilde. Nazaré era uma localidade tida em pouca consideração pelos Seus contemporâneos. Assim, o facto de Jesus proceder de uma terra tão desprezada refletia-se negativamente sobre Ele. “*Pode vir alguma coisa boa de Nazaré?*”, era a pergunta que se impunha (João 1:45 e 46). A humilde origem familiar de Jesus também suscitava incredulidade e desconfiança, que se refletiam sobre Ele e sobre o Seu ministério. Perguntava-se: “*Não é este o filho do carpinteiro?*” (Mat. 13:54-58; Mar. 6:1-6.)

No fim do Seu ministério, Jesus foi detido pela calada da noite, violentamente, como se fosse um criminoso (Mat. 26:47-56; Mar. 14:43-49; Luc. 22:47-54; Jo. 18:3-12). Sofreu um julgamento injusto e viciado perante o Sinédrio, a suprema autoridade judaica (Mat. 26:57-68; Mar. 14:53-65; Luc. 22:66-71), e perante Pôncio Pilatos, o Procurador romano (Mat. 27:1 e 2, 11-14, 24-26; Mar. 15:1-5, 15; Luc. 23:1-4, 13-16, 22-25;

Jo. 18:28-38; 19:9-16). Como resultado deste duplo julgamento, foi condenado à morte e executado na cruz do Gólgota.

Note-se que Jesus Se manteve em silêncio no Seu duplo julgamento. Perante Caifás, o Presidente do Sinédrio, Ele não pronunciou uma palavra até ser posto sob juramento (Mat. 26:62 e 63; Mar. 14:60 e 61). Quando foi forçado

a falar, respondeu de forma lapidar. Também no julgamento perante Pilatos, Jesus adotou a mesma atitude. Pilatos perguntou-Lhe se Ele era o rei dos Judeus, e Jesus respondeu: “*Tu o dizes.*” Mas quando foi acusado pelos principais sacerdotes e pelos escribas, manteve-Se em silêncio, recusando responder às perguntas de Pilatos (Mat. 27:11-14; Mar. 15:2-5; Jo. 19:9).

Jesus também surgiu aos olhos dos Seus compatriotas, na Sua Paixão, como um homem de dores afligido por Deus. Os maus-tratos a que foi sujeito antes da crucificação desfiguraram-n’O horrivelmente. Ele foi violentamente espancado e duramente flagelado (Mat. 27:26-31; Mar. 15:15-20; Luc. 22:63-65; Jo. 19:1-3). Depois de ser assim maltratado e desfigurado, foi submetido aos horrores da crucificação e morreu pendurado na cruz (Mat. 27:31-35; Mar. 15:20-26; Luc. 23:33 e 34; Jo. 19:16-19, 34).

Jesus teria sido enterrado numa vala comum com os malfeitores (ou “*ímpios*”) que foram crucificados com Ele (Mat. 27:38; Mar. 15:27 e 28), caso José de Arimateia, um “*homem rico*”, não tivesse excepcionalmente tratado do Seu sepultamento condigno. Assim, embora estivesse destinado a ser sepultado no

lugar onde se sepultavam comumente os malfeitores, Jesus acabou, fora do curso normal dos acontecimentos, por ser sepultado no sepulcro de um rico (Mat. 27:57-60; cf. Mar. 15:43-46; Luc. 23:50-53; Jo. 19:38-42).

A morte de Jesus foi uma morte expiatória e vicária por desígnio de Deus. Ele era o Justo (At. 3:13 e 14; 7:52; 22:14; I Ped. 3:18; I Jo. 2:1), mas tornou-se na vítima sacrificial que justifica todos os que O aceitam como seu Salvador (Rom. 3:26; 4:25; 5:6-9, 19; I Cor. 15:3; II Cor. 5:21; Heb. 9:28; I Ped. 2:21-24; 3:18; I Jo. 2:2; 3:5). Ele foi o “cordeiro” de Deus que foi imolado pelos pecados da Humanidade (Jo. 1:29, 36; I Ped. 1:19). O próprio Jesus Cristo declarou, na Última Ceia, que oferecia o Seu corpo e o Seu sangue “*por muitos, para remissão dos pecados*” (Mat. 26:26-28; cf. Mar. 14:22-24; Luc. 22:19 e 20).

Mas, depois da morte violenta de Jesus na cruz do Calvário, aconteceu algo de extraordinário. Deus recompensou a obediência humilde e o sacrifício voluntário do Seu Servo Jesus e devolveu-Lhe a vida.

Jesus teria sido enterrado numa vala comum com os malfeitores que foram crucificados com Ele, caso José de Arimateia, um “homem rico”, não tivesse excepcionalmente tratado do Seu sepultamento condigno.

Cristo ressuscitou! Esta ressurreição foi testemunhada pelos Seus discípulos (Mat. 28:5-10; Mar. 16:5-9; Luc. 24:1-7, 34; Jo. 20:1-18) e confirmada por “*mais de qui-*

nhentos” homens (I Cor. 15:6).

A morte expiatória de Jesus e a Sua ressurreição gloriosa constituem a mensagem do Evangelho que foi difundida pelo mundo, graças à ação missionária da Igreja. No entanto, este Evangelho apresenta-se a muitos seres humanos como algo difícil de crer. Foi assim no tempo da primeira geração de Cristãos, e é assim na nossa geração (I Cor. 1:21-23; 2:14; Rom. 10:16). Apesar disto, ao longo dos dois últimos milénios, o Evangelho foi anunciado entre as nações, e muitos milhões de seres humanos aceitaram-no e aderiram à Igreja fundada por Jesus. Tal como Isaías tinha predito, “*multidões*” de homens e de mulheres colocaram-se do lado d’Ele, aceitando o Seu sacrifício vicário e expiatório. Em consequência disto, muitos reis e governantes das nações da Terra têm prestado respeitosa homenagem a Jesus Cristo.

Finalmente, como Messias e Salvador, Jesus foi exaltado por Deus, recebendo “*todo o poder, no céu e na terra*” (Mat. 28:18; cf. At. 3:13; Fil. 2:9). Ele ascendeu ao Céu quarenta dias após a Sua ressurreição (Luc. 24:51; At. 1:9) e tomou o Seu lugar à direita de Deus, no trono do Universo (Mar. 16:19; At. 7:55; Efé. 1:20).

CONCLUSÃO

Jesus veio viver entre a Humanidade para realizar a missão que Lhe foi confiada por Deus. Ele é o Servo de *Yahweh* profetizado por Isaías. Cristo morreu uma morte vicária e expiatória, para que todos os seres humanos que O aceitassem como Messias pudessem ser justificados aos olhos de Deus e fossem redimidos da escravidão do pecado. Ele morreu por todos nós. Assim, caro Leitor, aceite a expiação que Jesus fez por si. Aceite o Seu sacrifício por si. Faça de Jesus, o Servo sofredor, o seu Salvador! ▢

TEOLOGIA

SERÁ QUE JESUS “PREGOU AOS ESPÍRITOS” DOS MORTOS?

O nosso destino eterno é decidido nesta vida.



≈
Ezequiel Quintino
Téologo

Para um grande número de Cristãos, a época da Páscoa é um tempo em que se recorda a morte e a ressurreição de Jesus. O Salvador veio a esta Terra para realizar uma parte importantíssima do Plano de Salvação de Deus em favor da Humanidade. Durante cerca de três anos e meio, Jesus cumpriu o Seu ministério, andando, curando, ensinando e anunciando o Reino de Deus. Finalmente, foi sacrificado na cruz do Calvário, para que pudéssemos ter acesso à imortalidade. Morreu e foi sepultado num sepulcro de pedra. Como garantia da nossa salvação, e como promessa, Jesus ressuscitou. Passados 40 dias, ascendeu aos Céus, para prosseguir o Seu ministério celestial em favor do Seu povo terrestre. Voltará, em breve, com os Seus anjos, com poder e grande glória, para vir buscar todos os que Lhe são fiéis.

Entretanto, no contexto da paixão de Cristo e da Sua morte, há dois mil anos, muitos Cristãos acreditam, com base no texto de I Pedro 3:19, que, durante o tempo entre a crucificação (i.e., a Sua morte) e a ressurreição, Cristo teria descido até ao purgatório e/ou ao inferno, e teria pregado aos “espíritos em prisão”. Para esses Cristãos, isso é prova de que existe um espírito imaterial, uma pessoa autêntica que desencarna do corpo na hora da morte. Ora, a ser verdade, no contexto de I Pedro 3:19 e 20, essa crença também sugere que as pessoas ímpias dos dias de Noé que morreram no Dilúvio receberam uma segunda oportunidade de salvação, milhares de anos mais tarde, enquanto os outros mortos não a receberam. Se assim fosse, esta crença faria

de Deus um Ser injusto, parcial e partidário... a menos que Jesus tivesse pregado a todos os mortos de todas as eras, desde que existe pecado. O que o texto não refere, por ser um total absurdo!

Assim, é necessário perceber o que realmente diz o texto no seu contexto.

O TEXTO – I PEDRO 3:18-20

“Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutra tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvas, através da água” (ARA).

Quando se lê toda esta carta do apóstolo Pedro, percebe-se que a fé dos Cristãos e dos leitores da época estava a ser testada (1:6 e 7), e que eles estavam a ser injustamente caluniados, agredidos e insultados por causa daquilo em que acreditavam (2:12; 3:9, 16; 4:14). O apóstolo também apresenta a disposição de Jesus para suportar em silêncio o sofrimento por causa deles como o ideal a ser imitado quando fossem perseguidos (2:20-23; 3:17 e 18). “Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos o exemplo”, diz Pedro, “para conduzir-vos a Deus”. Depois, refere-se à morte e à ressurreição de Cristo. Ele foi morto “na carne, mas vivificado no espírito”, isto é, ressuscitado pelo Espírito Santo.

Nem Pedro, nem Paulo, nem outro apóstolo, profeta ou escritor bíblico acreditaram ou ensinaram a imortalidade da alma. Esta doutrina tem origem pagã; é estranha e não consta da revelação bíblica. A crença no prolongamento da vida através da alma, depois da morte física, é anti-bíblica.¹ Infelizmente, apenas os Cristãos que aceitam a doutrina (sem base bíblica) da imortalidade da alma

podem perceber no texto de I Pedro 3:19 que Jesus teria ido, entre a Sua morte e a Sua ressurreição, pregar às almas ou aos espíritos desencarnados em prisão, provavelmente no purgatório ou no inferno. Ora, estes dois conceitos, purgatório e inferno, decorrentes do conceito de imortalidade da alma, também são anti-bíblicos e contrários à revelação de Deus. Curiosamente, esses Cristãos, sem terem essa intenção, colocam o Inocente e o Santo, o nosso Salvador Jesus Cristo, no “inferno” (ainda que por pouco tempo), para pregar, supostamente, às almas dos condenados...

O texto de I Pedro 3:19 não contradiz os profetas Jeremias (51:37, 57) e Daniel (12:2, 12), nem Jesus Cristo (João 11:11-14), nem o apóstolo Paulo (I Coríntios 15:18; I Tessalonicenses 4:13) que acreditavam na morte da alma (comparada também ao sono), um estado de total inconsciência (Ezequiel 18:4, 20; Job 7:9 e 10; Salmos 6:5; 115:17; 146:3 e 4; Eclesiastes 3:19 e 20; 9:4-6, 10). De acordo com a Palavra de Deus, a existência da vida (ativa, racional e consciente) só é possível quando todo o ser humano está em perfeito funcionamento: físico, mental e espiritual (I Tessalonicenses 5:23 e 24).

QUESTÕES E RESPOSTAS

Com o objetivo de compreender o que o texto quer dizer, e depois de termos lido I Pedro 3:18-20, em particular o verso 19, convém perguntar ao texto:

- 1) Quem pregou?
- 2) Que “espíritos” são esses?
- 3) Que “prisão” é essa mencionada por Pedro?
- 4) Existe oportunidade de salvação depois da morte?

Para obter as respostas, consulte-se a Bíblia, e só a Bíblia, porque ela explica-se a si mesma.

1ª resposta: *Quem pregou não foi Jesus, mas, sim, o Espírito Santo.* No fim do verso 18, é dito que Cristo foi “viviificado no Espírito”, quer dizer, Cristo foi ressuscitado pela ação do Espírito Santo (tal como tinha sido incarnado pelo mesmo Espírito Santo – Lucas 1:28-35). Por isso, várias versões bíblicas (por exemplo, a *Bíblia para Todos – BpT*) estão absolutamente corretas quando traduzem o termo *Espírito* com letra maiúscula.

Em paralelo, isto também está em harmonia com o que Jesus tinha dito antes, quando afirmou aos discípulos que é função da Terceira Pessoa da Divindade – o Espírito Santo – convencer o mundo “do pecado, da justiça e do juízo” (João 16:8). Desta maneira, é fácil compreender o tal verso 19: “no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão.” “No qual” refere-se ao “Espírito” do verso 18, e, por isso, se Alguém tivesse descido ao inferno para pregar aos espíritos que lá estavam, esse Alguém teria sido o Espírito Santo, isto é, o “Espírito” que “viviificou” Cristo, ressuscitando-O dos mortos (Romanos 8:10 e 11).



2ª resposta: Os “espíritos em prisão” não são espíritos de pessoas mortas, mas pessoas que estavam vivas quando a Palavra de Deus lhes foi pregada. Isso torna-se claro quando se lê o verso 20, que descreve esses “espíritos” como sendo aqueles que “foram desobedientes quando” Deus esperava pacientemente, “nos dias de Noé”, para que se arrependessem dos pecados deles. Portanto, essas pessoas que desobedeceram a Deus no tempo de Noé foram os *Antediluvianos* (que viveram antes do Dilúvio universal), pessoas reais e não espíritos desencarnados.

Através deste texto de I Pedro 3:19 e 20, é possível perceber que, nalguns casos, outros escritores bíblicos usam a palavra “espírito” referindo-se a *pessoas reais vivas*. Por exemplo, I João 4:1 fala de falsos profetas a quem chama “espíritos”, quando se trata de indivíduos vivos nos dias do apóstolo João. Hebreus 12:22 e 23 usa a mesma palavra para se referir aos justos, pessoas autênticas, a quem a carta aos Hebreus foi escrita. Daqui se conclui que os

termos bíblicos podem ter alguns significados que precisam de ser descobertos, não apenas tendo em conta a tradução da palavra, mas também o contexto no qual esse termo é usado, respeitando a mensagem bíblica global.

3ª resposta: A “prisão” na qual se encontravam os *Antediluvianos* é a prisão do pecado. Provérbios 5:22 diz: “Quanto ao perverso, as suas iniquidades o prenderão, e com as cordas do seu pecado será detido.” No texto do apóstolo Pedro, ele usa simbolicamente o termo “prisão”. Ele não se refere a um lugar literal, onde os mortos estão a sofrer nas chamas, e podem ouvir a pregação do Evangelho, enquanto agonizam no inferno. Pedro não acreditava nessa hipótese filosófica pagã que se tornou doutrina, dita “cristã”.

Aliás, é o próprio apóstolo que informa que Noé foi o “pregador da justiça” que levou o aviso de Deus ao “mundo antigo” (II Pedro 2:5), e que deveriam arrepender-se dos seus pecados, antes que viessem as águas do Dilúvio (Gênesis 6 a 9). Todavia, os Antediluvianos estavam tão presos pelas cordas dos seus próprios pecados que rejeitaram os apelos do Espírito Santo, feitos através de Noé.

4ª resposta: Mais uma vez, o próprio apóstolo Pedro explica que *os Antediluvianos e os habitantes de Sodoma e Gomorra não receberam uma segunda oportunidade de salvação, depois de mortos* (II Pedro 2:5 e 6). Pedro não poderia ensinar uma crença herética, contrária à Palavra de Deus, pois *o nosso destino eterno é decidido nesta vida*: “Encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama ‘hoje’, de modo que nenhum de vocês seja endurecido pelo engano do pecado” (Hebreus 3:13). E porque Deus sabe que o pecado endurece o ser humano, Ele ape-



Estes dois conceitos, purgatório e inferno, decorrentes do conceito de imortalidade da alma, são anti-bíblicos e contrários à revelação de Deus.

la: “Eis, agora, o tempo oportuno; eis, agora, o dia da salvação” (II Coríntios 6:2).

CONCLUSÃO

As respostas às questões colocadas ao texto de I Pedro 3:18-20 são:

1. Quem pregou foi o Espírito Santo.
2. Os “espíritos em prisão” eram os Antediluvianos.
3. A “prisão” na qual aquelas pessoas se encontravam era a prisão do pecado.
4. A única oportunidade de salvação é durante esta vida.

Com base nas informações de I Pedro 3:18-20, e de outros textos bíblicos paralelos, compreende-se I Pedro 3:19, que pode traduzir-se assim: “Por meio de Noé, o Espírito Santo, que ressuscitou Cristo, pregou aos antediluvianos que estavam presos pelas cadeias do pecado.”

Recorde-se ainda que o apóstolo Pedro estava a escrever a Cristãos que ele desejava que reconhecessem a semelhança entre o tempo em que estavam a viver e o tempo de Noé (Mateus 24:37-39). Escreve-lhes com urgência, ensinando que não demorará muito tempo para Cristo regressar e julgar o mundo com fogo (I Pedro 1:3-7; 4:17; II Pedro 3:5-7). O apóstolo procura encorajá-los a suportarem as calúnias injustas e os maus-tratos por causa da sua fé, apontando para a bênção da volta de Jesus (II Pedro 3:8-13). E acrescenta – assim como Noé e a sua família resistiram como uma minúscula minoria no meio da opinião popular, assim eles, como fiéis “remanescentes”, também, simbolicamente, “entraram na arca”, mediante o batismo (I Pedro 3:21). Pedro anima-os com o exemplo de salvação da família de Noé, dizendo que eles também podem enfrentar, com confiança, a destruição deste velho mundo de pecado, sabendo que o batismo (“salvo através da água”) garante a passagem segura para um

mundo novo. Não pelo valor intrínseco da água batismal, mas pela fé no Salvador que ressuscitou (I Pedro 3:22).

Portanto, o assunto abordado pelo apóstolo Pedro na sua Primeira Carta (em 3:19) nada tem a ver com “vida depois da morte”, mas sim com fidelidade e perseverança cristã numa sociedade mundana de descrentes, na qual o inimigo também ataca. E conclui (I Pedro 5:6-11, *BpT*): “Sejam humildes, portanto, e submissos ao poder de Deus, para que ele vos eleve no devido tempo. Confiem-lhe todos os vossos problemas, porque ele se preocupa convosco. Sejam prudentes e estejam alerta, pois o vosso inimigo, o Diabo, anda à vossa volta, como um leão a rugir, procurando a quem devorar. Estejam firmes na fé, resistam-lhe e saibam que os outros crentes espalhados pelo mundo passam pelos mesmos sofrimentos. Mas depois de terem sofrido por um pouco de tempo, Deus, fonte de toda a graça, que vos chamou a tomar parte na sua glória eterna em união com Cristo, vos dará a perfeição e vos tornará firmes e fortes. A ele seja dada glória e poder para sempre. *Amém.*” □

Notas

1 Sobre a noção de alma (mortal ou imortal) na Palavra de Deus, a Bíblia, ver *Sinais dos Tempos*, 1º trimestre 2018, pp. 31-35; 4º trimestre 2018, pp. 4-8; 4º trimestre 2019, pp. 18-25, 33.

Bibliografia

Clinton Wahlen, “A que ‘espíritos em prisão’ Cristo pregou?” in: Gerhard Pfandl (ed.), *Interpretando as Escrituras*, São Paulo: CPB, 2016, pp. 340-342.

Leandro Quadros, *Na Mira da Verdade*, São Paulo: CPB, 2012, vol. II, pp. 50-52.

Francis D. Nichol (ed.), *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Washington, DC: Review and Herald, 1957, vol. VII, pp. 573-577.

≈ NOTÍCIAS QUE FAZEM PENSAR ≈

AS CINCO MAIORES AMEAÇAS À HUMANIDADE



Eventos climáticos extremos, perda de biodiversidade, colapso dos ecossistemas, crises alimentares e de água, e falha na adaptação às alterações climáticas são os cinco maiores riscos globais, em termos de impacto, para a Humanidade, segundo mais de duas centenas de cientistas.

As conclusões fazem parte de um estudo (divulgado a 6 de fevereiro de 2020) conduzido pela *Future Earth* – uma rede internacional de investigação sobre sustentabilidade – que envolveu o trabalho de 222 cientistas de 52 países. Consideram que a maior ameaça à Humanidade é o potencial do efeito “bola de neve” que resulta da interação entre os cinco riscos, com as crises globais a agravarem-se umas às outras, e “altamente prováveis” de acontecer, de tal maneira que podem criar um “colapso sistémico global”.

Do total de cientistas, 173 falaram ainda de riscos adicionais merecedores de uma atenção global maior – a erosão da

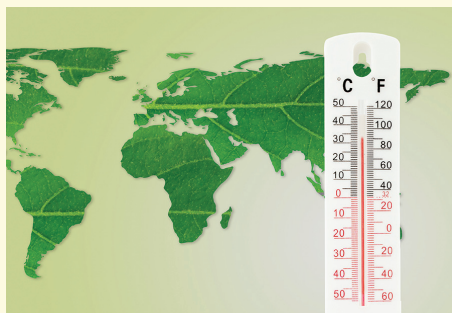


confiança e dos valores sociais, a deterioração da infraestrutura social, a crescente desigualdade, o nacionalismo político crescente, a sobrepopulação e o declínio da saúde mental.

A diretora-executiva da *Future Earth*, Amy Luers, disse: “As nossas ações na próxima década determinarão o nosso futuro coletivo na Terra.” ▢

<https://24.sapo.pt/vida/artigos/future-earth-cientistas-alertam-para-cinco-grandes-ameacas-a-humanidade>

2019: O ANO MAIS QUENTE NA EUROPA E O SEGUNDO MAIS QUENTE NO GLOBO



De acordo com a *Organização Meteorológica Mundial*, o ano de 2019 foi o segundo ano

mais quente, considerando os registos históricos desde 1850, logo a seguir ao ano de 2016. A temperatura média global anual do ar para 2019 foi 1.1°C acima da média, considerando o período 1850-1900, que representa as condições pré-industriais.

Na Europa, de acordo com o *Copernicus Climate Change Service*, o ano de 2019 foi o mais quente alguma vez registado, com uma anomalia de temperatura média do ar de 1.24°C.

Em Portugal Continental, o ano de 2019 classificou-se como quente e seco. O valor médio anual da temperatura média do ar em 2019, 15.58°C, foi superior em 0.32°C ao valor normal entre 1971-2000. De referir que os sete maiores valores da temperatura máxima ocorreram depois de 2000.

São Sinais dos Tempos cada vez mais quentes, visíveis e sentidos... ▢

<https://public.wmo.int/en/media/press-release/wmo-confirms-2019-second-hottest-year-record>

https://www.ipma.pt/pt/media/noticias/news_detail.jsp?=/pt/media/noticias/textos/Resumo-Climatico2019.html



≈ NOTÍCIA POSITIVA ≈



“Se necessário, oferecemos o ventilador ao homem que tem mulher e filhos.”

A frase é do General Ramalho Eanes, antigo Presidente da República, em entrevista à RTP (a 1 de abril de 2020). Teceu considerações acerca da situação atual: “Nós, e eu falo porque sou um velho, tenho 85 anos... nós, os velhos, devemos pensar que a nossa situação é igual à dos outros. E se alguma coisa há, é a obrigação suplementar de dizer aos outros que isto já aconteceu, que se ultrapassou, que [esta crise] vai ser ultrapassada.”

Entretanto, o General recordou o drama que se tem vivido noutros países: “Em Itália e em Espanha, e aqui se calhar também, o médico muitas vezes tem de escolher entre aquele a quem aplica o ventilador e aquele a quem não o aplica. Aquele a quem pode proporcionar a vida e aquele a quem retirar a vida. É uma situação que não queriam nunca estar a viver.”

Depois, imaginando uma situação limite para Portugal, se se chegar a não se ter ventiladores suficientes para todos, reforçou o apelo: “Nós, os velhos, vamos ser os primeiros a dar o exemplo. Não saímos de casa, recorremos sistematicamente aos cuidados

que nos são indicados, e, mais, quando chegarmos ao hospital, se for necessário, oferecemos o nosso ventilador ao homem que tem mulher e filhos.”

Comentário

Altruísmo incomum, e que emociona! Alto sentido de abnegação em favor do outro, ou “do próximo”, em linguagem bíblica. O mundo carece hoje de homens como Ramalho Eanes, um Homem com H maiúsculo. Um Homem com estes valores dá um exemplo que faz silenciar a mesquinhez dos egoísmos, na sociedade do século XXI.

Esta nobilíssima atitude traz à memória o exemplo da Suprema Abnegação e Entrega – Jesus, que nos substituiu na morte, que deu a Sua vida para que pudéssemos ter vida. Ele também nos exortou: *“Se alguém quiser acompanhar-me, esqueça-se de si próprio, carregue a sua cruz e venha comigo. Aquele que quer salvar a sua vida, acaba por perdê-la; mas aquele que perder a vida por minha causa, esse é que a encontra. De facto, que aproveita alguém em ganhar o mundo inteiro se acabar por se perder a si mesmo? Que poderá uma pessoa dar em troca da sua vida? O Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então há de recompensar cada um segundo o seu procedimento”* (Mateus 16:24-27, BpT). ▢

<https://www.mundoportugues.pt/ramalho-eanes-apela-aos-velhos-como-ele-se-necessario-oferecemos-o-ventilador-ao-homem-que-tem-mulher-e-filhos/>





Deus é o nosso Refúgio

“Aquele que habita sob a proteção do Altíssimo e mora à sombra do Omnipotente, pode exclamar: Ó SENHOR, tu és o meu refúgio, o meu castelo, o meu Deus, em quem confio! [...] Não tenhas medo dos perigos da noite, nem das setas lançadas de dia, nem da peste que alastra nas trevas, nem dos males que matam em pleno dia; mil cairão mortos à tua esquerda e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido” (Salmo 91:1 e 2, 5-7).

“Só em Deus encontro paz; dele vem a minha esperança. Só ele me protege e salva. Não serei abalado, porque ele é o meu refúgio. De Deus dependem a minha salvação e honra; ele é a minha proteção e o meu refúgio. Que todos confiem sempre nele e lhe falem com toda a confiança! Deus é o nosso refúgio!” (Salmo 62:5-8.)

“A confiança que temos em Deus consiste nisto: se lhe pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele atende-nos” (I João 5:14).

“Portanto, não percam a coragem, pois ela vos assegura uma grande recompensa. Têm de perseverar. Assim cumprirão a vontade de Deus e

alcançarão o que ele promete. Lá diz a Escritura: Já falta muito pouco para chegar aquele que há de vir. Não se demorará. O que for justo diante de mim viverá pela fé” (Hebreus 10:35-38). ▢

NOTA: Textos da versão *Bíblia para Todos* (BPT).

PENSAMENTOS

“A BÍBLIA é um livro que o Homem não podia ter escrito, se o quisesse, como não teria escrito, se pudesse. A Bíblia revela verdades que o Homem, por si mesmo, nunca poderia ter descoberto.”

– Thomas Paul Simmons.

“A existência da BÍBLIA, como livro para o povo, é o maior benefício que a raça humana já experimentou. Todo o esforço para diminuí-la é um crime contra a Humanidade.”

– Immanuel Kant.

Seja Feliz!



“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.” Mateus 11:28.



Alivie a sua dor, hoje!

Peça gratuitamente: 933 93 92 91.